

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de Boa Vista*

Class.: 1415

Data: 22.03.85

Pg.:

BOA VISTA, 22 DE MARÇO DE 1985

FOLHA DE BO
VISTA

Cassiterita, ameaça à nação yanomami

Os contatos com as frentes sempre foram um sério problema e trouxeram consequências negativas para os yanomami. Ao longo dos anos, inúmeras situações difíceis foram criadas. Surucucus por exemplo, embora a situação seja mais marcante nas áreas periféricas do território yanomami, é necessário destacar que o ponto de maior concentração populacional indígena — a serra — tem sido o mais visado devido aos minérios lá descobertos pelo levantamento do Radam-Brasil em 1975. Logo depois de anunciada a existência de depósitos de cassiterita na área, começaram as invasões de garimpeiros, que lá se mantiveram em atividade até meados de 1976, quando foram removidos por ordem do ministro do Interior. Mas deixaram sequelas terríveis, transmitindo aos índios doenças venéreas, gripe, tuberculose e provocando uma série de conflitos armados com os mesmos.

Atualmente, essa cassiterita vem sendo objeto de interesse de vários grupos econômicos, apesar de a Companhia Vale do Rio Doce, através da sua subsidiária Docegeo, ter declarado que a exploração do minério não compensa automaticamente os custos que acarretaria para a população indígena da área. Mas, mesmo assim, tramita atualmente no Congresso Nacional um projeto de Lei que propõe a abertura de um garimpo de cassiterita na área dos Surucucus. Para os defensores de uma transição científica dos yanomami para o lado de cá da civilização, com uma aculturação bem controlada, esse projeto, além de ser inconstitucional, é considerado genocida, uma vez que, se posto em prática, levará, muito provavelmente, ao extermínio das comunidades yanomami da região. Se aprovado pelo Legislativo e acatado pelo Executivo, o projeto de lei legalizaria situações de fato que já existiram na região, oficializando a violação do decreto de delimitação da serra do Surucucus como área indígena. Desse modo, estimulando novas invasões na área, colocará em risco a sobrevivência de pelo menos 4 mil yanomami.

As frentes de expansão no Estado do Amazonas são formadas por pequenos núcleos ribeirinhos, uma população amazônica humilde, muitas vezes migratória, vivendo de extração de piaçaba, seringa, cipó e balata. Os yanomami mantêm interação com ela, através de troca de serviços em vários pontos dos rios Demini, Paduari, Aracá e Ma-



rauí e, mais especificamente, nas proximidades da Cachoeira da Aliança, no rio Paduari, e na Cachoeira do Aracá. Há pelo menos 15 anos os índios yanomami, periodicamente, se empregam nos pequenos núcleos ribeirinhos, em grupos de 10 a 15 pessoas, em troca de farinha, redes, panelas, terçados e armas de fogo. Chegam a trabalhar até seis meses para ganhar uma espingarda.

Famílias inteiras de regionais migram e se assentam parte do ano à beira do Marauí, extraindo seringa, como verificou em 1981 uma equipe de saúde da FUNAI e da Comissão de Criação do Parque Yanomami, que encontrou 18 famílias assentadas ao longo do rio. No meio dos ribeirinhos viviam 65 yanomami, os ironasitheri, também conhecidos com índios do Apuí, em precária situação de saúde, atingidos pelo alcoolismo, tuberculose e malária, esta encontrada de forma endêmica na região.

Os ironasitheri mantêm transações comerciais também com regatões atraídos à região pelos regionais assentados à beira do rio Marauí e com comerciantes da cidade de Tapuruquara. Os índios estão em condições de desigualdade para com a população branca, sendo alvo de exploração e doenças. Sem assistência, conscientes de sua situação como espoliados, vivem inconformados e num clima de tensão que poderá ser remediado com a resolução da questão fundiária e com uma assistência adequada.

Outra comunidade yanomami, Parahitheri, uma população de 78 índios vive na serra do Gurupira em situação igualmente crítica. Em 1982, esses índios, vitimados por doenças, e em desespero de causa, chamaram os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil para assisti-los. Nesse ano, a comunidade foi vítima de uma epidemia de sarampo e outra de coqueluche, com o consequente número elevado de óbitos. A coqueluche pene-

trou na área através de uma cadeia de contatos que os índios mantêm entre si e com os regionais, alastrando-se por quase toda a área yanomami do Estado do Amazonas, atingindo centenas de índios. Constatarse, assim, que as populações periféricas e sem assistência são extremamente vulneráveis a violentos surtos epidêmicos que rapidamente devastam populações inteiras de comunidades isoladas e sem imunização.

É conhecido também o fato de que os yanomami no Amazonas mantêm uma rede de fornecimento de armas de fogo, através de regionais que penetram na área. A introdução dessas armas entre os yanomami e a sua consequente troca entre comunidades isoladas são desastrosas. A sua superioridade em relação às armas convencionais indígenas cria uma tal desigualdade de forças que pode desencadear situações potencialmente irreversíveis. Incursões guerreiras ocorrem em determinados momentos históricos, não só entre as comunidades yanomami brasileiras, mas entre grupos locais do Brasil e da Venezuela. Missionários da Novas Tribos do Brasil, que trabalham no Amazonas, têm conhecimento de, pelo menos, dois ataques armados, um em 1970 e outro em 1979, contra uma comunidade yanomami na Venezuela, vitimando dezenas de índios.

DOS LEITORES

Senhores,

Morreu Pedro Pereira, um dos últimos garimpeiros de sua geração. Atas Cantanhede, Quinzinho Souto Maior, Carlos Macana (Refkalefsky) Lisboa, o velho Aquilino Duarte e outros que se foram da vida ou desistiram da luta.

Hoje, que tanto se sofre com a dívida externa, que o Território tanto precisa de recursos para o seu progresso, está mais atrasado quanto ao garimpo, que há trinta anos atrás. O Surucucus aí está prometendo riquezas e divisas, estagnado por uma política indígena confusa, dominada por interesses extra-territoriais e mesmo anti-brasileiros.

Aqui fica a homenagem e a saudade de quantos vieram Boa Vista há quarenta anos ter como força o garimpo, sofrido e braçal. Mas uma força política e financeira.

Obrigado, bravos garimpeiros e desbravadores de outro tempo. A vocês garimpeiros de hoje, desculpem por não poderem ajudar este nosso País. Sendo brasileiros, não poderem trabalhar no garimpo do seu País, para enriquecê-lo e ajudar a pagar nossa dívida externa. Desculpem a política errada e incompreensível.

Carmem Refkalefsky